

576  
441

Leandro Gomes de Barros

**A CRISE ACTUAL**  
e o augmento do sello

**A URUCUBAGA**

O ANTIGO E O MODERNO



PERNAMBUCO

Typ. do "Jornal do Recife"

1915

# A crise actual

## e o augmento do sello

Além da guerra Européa  
Trazer tudo atormentado  
Não entra genero, e nem sai  
O commercio está parado  
A ceca tomou a frente  
Está o Brazil sitiado.

No sertão não houve inverno  
No sul tambem não chueu  
Nos brejos mais na catinga  
Nem sereno appareceu  
Está de uma forma este anno  
Que nem o sapé nasseu.

O governo vendo isso  
Disse ao povo estou disposto  
Se o anno for todo ceco  
Não chuver até agosto  
Eu mando romper a banca  
Augmento mais o imposto.

A ceca ataca o sertão  
A crise circula a praça  
Tanto que eu creio que este anno  
Sobe tudo na fumaça,  
Só ficará no Brazil  
O imposto e a desgraça.

Ninguém tem a quem queixar-se  
A derrota está na vista  
Doutor já está procurando  
Um emprego de fogueira  
Já tem padre de batina  
De algodão-zinho da paulista.

O arcebispo já disse  
Se a cousa não melhorar  
Eu vou trocar o cajado  
Por um anzol vou pescar  
Até ver si inã apparece  
O que se possa ganhar.

Porque nessa diocese  
Não apparece ninguém  
Se eu vou fazer uma cota  
Não á quem de-me um vintém  
Apenas dizem os devotos  
Estou na desgraça tambem.

E a cousa está de jeito  
Que uma é ver outra e contar  
Vêr-se tres quatro chorando  
Seis, sete, oito, a clamar  
Nove, dez, se lastimando  
Vinte, trinta a se queixar.

O commercio diz; eu quebro  
Diz o artista eu que faço?  
Diz o sachristão: eu morro  
Diz o padre; eu me desgraço  
Responde o Senhor de engenho  
Eu estou comendo bagaço.

Diz um ferreiro: ante-hontem  
Vendi a safra e o folle,  
Queixa-se a linha de ferro  
A mim não á quem conçoile  
Não vem n'ém um passageiro  
Algum que embarca é no molle.

Diz o vigario: este mez  
Não apurei um crusado  
O senhor de engenho chamou-me  
Para fazer um baptisado  
Voltei a pé e com fome  
E o que fiz foi fiado.

Diz o bispo: esta semana  
Sabe o que me aconteceu?  
Fui ver se chismava gente  
Um só não me appareceu  
O vinho que levei para a missa  
Um desgraçado bebeu.

Não ganhei nem um tostão  
Fiquei tão desanimado  
Que um nova-ceita chamou-me  
Para fazer um batisado  
Fui, mas o diabo disse  
Que só fazia fiado.

Eu lhe disse: nova-ceita  
Damne-se para o brejão,  
Eu vim por está obrigado  
De uma grande precisão  
Porém negocio fiado  
Vá ao diabo a mim não.

Já fui daqui na caipora  
De lá para cá não vim bem  
O condutor da primeira  
Que é d'uma marca xerem!  
Me disse; ou paga passagem  
Ou eu o desço do trem!

Eu vinha sem nem um xis  
Me vi alli apertado  
Quer ver o que me valeu?  
Foi empenhar o cajado  
Que o miseravel depois  
Vendeu-o por um cruzado.

Eu não tinha o que fazer  
Pois nem um tostão trazia  
Se não pagasse a passagem  
Isso por certo dessia  
E se eu ficasse acolá  
Uma onça me comia.

Um missionario dizia  
Sahi ao mundo a pregar  
Mas a caipora era tanta  
Que eu chegava n'um logar  
Para alguém ir ao sermão  
Era preciso eu pagar.

Disse um fiscal: eu tambem  
Me vejo tão derrotado  
Fui receber um dinheiro  
De um homem que foi murtado  
Este metteu-me o cacete  
Voltei de lá desgraçado.

Então diz o pescador  
A crise está se damnando  
A guerra não tem mais fim  
A secca está aumentando  
Dizem que no Ceará  
Até o mar está secando.

Ea Parahyba do Norte  
Não fica um só morador  
Morando na capital  
Nem mesmo o governadôr  
Pode ficar pelos mangues  
Um ou outro pescador.

O governo de lá disse  
A cousa está tão tyranna  
Que até uma padaria  
Me cortou esta semana  
Breve vou para os engenhos  
Fazêr cercas e amarrar canna.

Aq governo federal  
Mandei um officio immenso,  
Mandando dizer, aqui,  
Não compro fiado um lenço  
Este mandou-me dizer:  
Eu cá vou mal que estou penso.

A Parahyba que tinha  
Esperança em Wencesláu  
Quando leu esta resposta  
Disse: Oh! meu Deus estou no pau!  
Meu emprestimo foi igual  
As penas do bacurau.

O governo federal  
Acha que a cousa vai bem  
E diz ô dinheiro é pouco,  
Deste eu não dou a ninguem  
Porque eu não solto o passaro  
Por um que algum dia vem.

Que tem que o paiz se acabe  
E se arraze n'um instante?  
Eu nunca fui pae de artista  
Menos de negociante  
Leve o diabo a lavoura  
Não me levando é bastante.

Basta que fique o governo  
É um fiscal cobrador  
Ficando um negociante  
E um só consumido  
Já vê que dois trabalhando  
Satisfaz a tum comedôr.

O negociante paga  
O fiscal vai receber  
O consumidor trabalha  
E isso eu hei de comêr  
Então que osso acordado  
Mas tarde eu tenho que roer!...

Eu vou logo aproveitar  
Emquanto Braz é thesoureiro  
Sem o sello do consumo  
Não fica um só brasileiro  
Já dei ordem a se sellar  
O padre do Joazeiro.

Um homem tem que sellar-se  
Dos péz até os cabellos  
A bocca, os olhos, o nariz  
Os braços e os cotovellos  
Ha de botar estampilhas  
Em cima dos mesmos sellos.

Eu não tenho o que fazer  
Estou tambem aperriado  
Desgraça não quer conselho  
A fome não quer guizado  
Fique eu que sou feliz  
Morra quem for desgraçado.

Eu quando entrei logo vi  
A desgraça do paiz  
Fui botal-o no seguro  
A Mutua Ideal não quiz  
Lá não receitam defunto  
Nem se protege infeliz.

Eu vi o povo chorar  
Isto causou-me um desgosto  
O Brazil em condições  
De viuva sem encosto,  
Para vêr se o melhorava  
Aumentei mais o imposto.

Primeiramente ordenei  
Que sellasse até o mundo  
Foi um echo sem igual  
Foi um suspiro profundo  
Botar trez sellos em lata  
Na tampa, no meio, e no fundo.

Ordenei mais que um noivo  
Pretendendo a se cazar  
Sellar-se elle e a mãe  
O pai têm de se sellar,  
E o pai da propria noiva  
Precisa se carimbar.

A sogra do noivo não,  
Não é preciso sellar  
A sogra, a cobra, o laerau  
Estão isentos de pagar  
Graças ao veneno desses  
Sempre poderam escapar.

Ora o povo que já estava  
Que só um barco sem leme  
Com o imposto que havia  
Um suspira e outro geme  
Augmentar mais o imposto  
E' botar gelo em quem treme

Ante-hontem vi um velho  
Que estava dando cavaco  
Um fiscal viu elle e disse  
Meu velho, olhe o buraco  
Você va tirar licença  
Se quizer tomar tabaco.

Vi uma velha chorando  
Dizendo meu Deus que sina!  
Ja fui aos homens da terra  
Fui a justiça divina  
Minha filha vai casar-se  
Querem sellar a menina.

Cahi aos pés do governo  
Triste como Magdalena  
Pedir por todos os santos  
Que não sellassem a pequena  
A cousa foi de tal jeito  
Que um escrivão teve pena.

Tudo agora leva sello  
Não se reserva ninguem  
O governo não pergunta  
Quem é quem vai ou quem vem  
Até eu já estou com medo  
Não leve sello tambem.

Vêr-se em cada sello d'estes  
As lagrimas de um infeliz,  
O diploma de um doutor  
A casaca de um juiz  
O baile de um presidente  
E a queda do paiz.

Até as sociedades  
Tem que sellarem as acções  
O Bispo sella o cajado  
O frade sella os cordões  
Cada freira ha de levar  
Um sello de dez tustões.

O ferreiro sella o ferro  
E o marceneiro o torno  
O pobre do funileiro  
Sella o flandre ainda morno  
Quem quizer ter padaria  
Preciza sellar o forno.

Um velho se maldizia  
Blasfemando contra a sorte  
Dizendo: com esta crize  
Eu estou esperando a morte  
Esse imposto desgraçado  
Inda faz ella mais forte.

Fui vêr se vendia bixo  
E rimia a precisão  
Mas encontrei um fiscal  
Que parecia um leão  
Esse chegou e me disse  
Meu velho selle o talão.

E eu que não tinha dinheiro  
Que havia de fazer  
Elle tomou-me o talão  
Dizendo: esse eu vou vender  
Embora que seja um osso  
Que tem pouco o que roer.

Disse uma velha alcancei  
A vida muita barata  
Mais hontem fui vender doce  
Em S. Lourenço da Matta  
O maldito de um fiscal  
Tomou-me o doce e a lata.

Morreu um dia um fiscal  
Foi dar contas ao Eterno  
Ghegou lá, Deus perguntou-lhe  
Rapaz, quede seu caderno?  
Disse o fiscal: dei-o hontem  
Ao caixeiro do inferno.

Então Deus lhe perguntou  
Porque não trouxe comsigo?  
Disse o fiscal é porque  
Aqui eu tenho inimigo  
Os empregados do mundo  
Tudo aqui correm perigo.

Lá, q' empatei um santo  
Pedir esmola na feira,  
No dia que fiz um padre  
Sellar uma padroeira  
Fiz a proscição dos Passos  
Sahir em toda carreira.



Até o velho diabo  
Sahiu com muito desgosto  
Queria atentar a gente  
E não pagar o imposto,  
Eu em lugar de fiscal  
Não havia estar desposto.

O Eterno olhou-o e disse-lhe  
Já por allí cara dura  
Vá encharcar o inferno  
Com sua horrenda figura  
O diabo disse: vote!  
Eu quero é ver-lhe a lonjura.

Voltou para o pulgatorio  
Foi o mesmo desmantello,  
Quizeram o apedrejar  
O porteiro não quiz vel-o  
Foi ao inferno, o diabo  
Não quiz, nem p'ra derretel-o

Esse voltou para o mundo  
E' quem faz as enredadas  
Descobre as mercadorias  
Que ainda não estão selladas  
E' quem vai mostrar as fabricas  
Que inda não estão collectadas.

## A Urucubaca

Este anno é o anno da cigarra  
Este ceculo das luzes é tão escuro!  
Vejo um rio se encher de sangue puro  
E no mar civilisado ir fazer barra.

A miseria com desdem no mundo esbarra  
O desastre diz garboso, estou seguro  
Ja rasguei as vestes do futuro,  
E o meu curso de heroe ninguem esbarra.

Tenho a chave da Allemanha em meu poder  
O futuro Francez hyphotecado  
E a Russia aos meus pé ha de gemer.

A Inglaterra terá que se render  
A Turquia lamenta o seu estado  
O Brazil é um cão sem donno há de soffrer.

AVISO—Leandro Gomes de Barros avisa  
aos seus freguezes e amigos, que mora em  
Areias arrabalde do Recife enderêço, para a  
Estação de Areias.

## O antigo e o moderno

Quando o velho Santo Job  
Viu-se doente e leproso  
No Recife, Alpheu Raposo  
Mandou-lhe uma frescação,  
A mulher d'elle mandou  
Pedir ao Dr. Thomé  
Na pharmacia S. José  
O Elixir Salvação.

Nas bodas de Chanaã  
Que Christo fez d'agua vinho  
A Lancêta de Agostinho  
Exagerou sem limite  
Soares Raposo deu  
Carne para lombo e bife  
E o Jornal do Recife  
Fez os cartões de convite.

S. Pedro era pescador  
Antes de seguir Jesus  
Quando o Dr. Santa Cruz  
Tomou conta do Monteiro  
Néro Imperador Romano  
Mandou um seu paladino  
Chamar Antonio Silvino  
Para ser seu cangaceiro.